

SUJEITOS, ESPAÇOS EDUCATIVOS E PROCESSOS DE ENSINO-APRENDIZAGEM: UMA DISCUSSÃO A PARTIR DE BAKHTIN

Cecilia Goulart¹

RESUMO

O objetivo deste trabalho é discutir a constituição de sujeitos, linguagem e conhecimento, com base na filosofia da linguagem de Bakhtin, na perspectiva de problematizar a organização de espaços educativos e processos de ensino-aprendizagem. Alguns aspectos e categorias da filosofia da linguagem de Bakhtin são apresentados para discutir a concepção de sujeito, linguagem e conhecimento do autor. Em seguida, reflito sobre a constituição de espaços educativos e processos de ensino-aprendizagem, trazendo essa discussão para a atualidade. A intervenção na educação brasileira de propostas de organismos internacionais é ilustrada e criticada. Dando continuidade à reflexão, procuro apontar indícios de caminhos para a construção de escolas que contribuam para a formação de cidadãos críticos.

Palavras-chave: sujeitos, espaços educativos, Bakhtin.

Nascida no processo de luta obstinada do homem contra a natureza, luta em que o homem só estava com mãos fortes e instrumentos de pedra toscamente afiados, a linguagem percorreu o mesmo processo amplo de desenvolvimento que a cultura material econômico-técnica (BAKHTIN, 1993, p. 222).

APRESENTAÇÃO

Os sujeitos com quem nos encontramos nos espaços educativos nos provocam de vários modos, ao tentarmos compreendê-los. Os conhecimentos que temos, que eles têm e os conhecimentos com que trabalhamos também nos levam a muitas indagações. Questões como essas nos desacomodam em nossa prática de professores inquietos, em cotidianos profissionais desafiadores, porque habitados por pessoas plenas de histórias, de desejos e de conhecimentos. Como processos de ensino-aprendizagem podem ser concebidos? Bakhtin pode apresentar boas direções para nossa reflexão ao trabalhar sobre a linguagem.

O objetivo da exposição é discutir a constituição de sujeitos, linguagem e conhecimento, com base na filosofia da linguagem de Bakhtin, na perspectiva de problematizar a organização de espaços educativos e processos de ensino-aprendizagem que ali acontecem. O trabalho de Bakhtin apresenta grande atualidade e pertinência para a compreensão de embates e conflitos ideológicos que temos enfrentado em diferentes esferas sociais, ressaltando-se no presente estudo o campo educacional.

¹ Docente do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense (PROALE - Programa de Alfabetização e Leitura).

A proposta é desafiadora por vários fatores. Primeiramente, pela dificuldade envolvida na compreensão dos próprios temas selecionados; em segundo lugar, pela tarefa de interpretar um autor cuja obra apresenta grande complexidade e abrangência, além de leituras nem sempre convergentes; e, em terceiro lugar, por buscar aproximações e relações entre aspectos teóricos da teoria bakhtiniana e aspectos político-pedagógicos da organização de espaços escolares, tema não tratado pelo autor. Essas aproximações e relações não podem ser diretas, mas as realidades teóricas, embora de naturezas distintas, podem conversar, uma contribuindo para a compreensão da outra.

Vale a pena tentar, correr o risco, com clareza de que nossa discussão dá conta de um pequeno bocado da proposta, mostrando-se, ainda assim, lacunar. Limitações se impõem, como a necessidade de adentrar o tema cuidadosa e vagarosamente e de selecionar aspectos a explorar; além do limite ligado à extensão do próprio artigo - todas as limitações associadas aos fatores apontado no parágrafo anterior. De todo modo, já realizamos outras incursões semelhantes em trabalhos anteriores (GOULART, 2007; 2008; 2009), que aqui pretendemos continuar alargando e adensando.

Primeiramente, seleciono alguns aspectos e categorias da filosofia da linguagem de Bakhtin para apresentar, ainda que de modo breve. Em seguida, a concepção de sujeito, linguagem e conhecimento do autor é discutida, de modo entrelaçado; na terceira parte, procuro, a partir do que foi situado nas seções anteriores, refletir sobre a constituição de espaços educativos e processos de ensino-aprendizagem, apresentando um esboço de proposta pedagógica. Trazendo a discussão sobre espaços educativos e processos de ensino-aprendizagem para a atualidade, menciono a intervenção na educação brasileira de propostas de organismos internacionais. Essa perspectiva é ilustrada com “pacotes de alfabetização”, que aqui têm sido produzidos e vendidos, traduzindo modelos insípidos de educação, que trabalham para a homogeneização de discursos, sujeitos, sentidos e instituições, entre outros. Ao final, essas medidas são criticadas, e dando continuidade à reflexão, procuro apontar indícios de caminhos para a construção de escolas que contribuam para a formação de cidadãos críticos.

BREVE APRESENTAÇÃO DE ASPECTOS DA FILOSOFIA DA LINGUAGEM DE BAKHTIN

Procurando abrir caminho para o estabelecimento de relações entre sujeito, linguagem e conhecimento, apresento aspectos da fundamentação em Bakhtin, destacando: a- o objetivo de seu trabalho; b- o princípio que organiza esse trabalho; c- a unidade de análise; e d- uma marca relevante das categorias construídas pelo autor. De fundamentação marxista, embora marcado por dimensões teóricas de outros pensadores, o autor constroi bases para estabelecer e compreender relações recíprocas entre realidade, sociedade e história, por meio do estudo do material verbal. Considera que o signo ideológico por excelência, a palavra, penetra literalmente em todas as relações sociais, em todos os domínios, “sendo o indicador mais sensível de todas as transformações sociais” (BAKHTIN, 1988, p. 41). As formas do signo são condicionadas tanto pela organização social dos indivíduos como pelas condições em que a interação acontece, realizando-se, portanto, no processo das relações sociais, marcadas pelo horizonte social de uma época, por um grupo social determinado, e em consequência por índices de valor.

E como se realizam/materializam as relações sociais? Na palavra, no gesto, no ato, exteriorizados socialmente nas interações verbais. O signo ideológico, indissociável da significação, é plurivalente socialmente, porque nele se entrecruzam diferentes

índices de valor, cuja tensão, se ocultada, o imobiliza, tornando-o monovalente. O autor sinaliza que toda a atividade mental tanto a que é exteriorizada quanto a interior, se constitui em signos ideológicos, e pode ser expressa, não havendo uma ruptura qualitativa de uma esfera de realidade a outra (1988, p.51-52). E de modo complementar e singular, o autor afirma: “Não é a atividade mental que organiza a expressão, mas, ao contrário, é a expressão que organiza a atividade mental, que a modela e determina sua orientação” (1988, p. 112). Ou seja, o centro organizador e formador da expressão se situa no exterior.

Do âmago das interações verbais como realidade fundamental da língua, e não o sistema, a estrutura da língua, Bakhtin elege o enunciado como a unidade básica de sua filosofia da linguagem, unidade de sentido histórico e social, axiologicamente constituída. Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados e deve ser visto, antes de tudo, como uma resposta aos enunciados precedentes: rejeitando, confirmando, completando, e assim por diante. O locutor espera uma resposta, uma ativa compreensão responsiva. Outro traço constitutivo do enunciado é o seu endereçamento, o seu direcionamento a alguém. A construção do enunciado leva em conta o destinatário, ao mesmo tempo em que procura antecipar a resposta dele.

Os enunciados são concretos e únicos, refletindo as condições específicas e as finalidades dos diferentes campos da atividade humana, por meio do conteúdo temático, do estilo da linguagem (seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua) e, acima de tudo, por sua construção composicional. Os três elementos estão indissolúvelmente ligados no todo do enunciado (BAKHTIN, 2003, p. 261-262). Os campos de utilização da língua elaboram tipos relativamente estáveis de enunciados, de riqueza e diversidade infinita, abrangendo desde simples falas do cotidiano até um romance e um relatório de pesquisa, por exemplo. Esses gêneros do discurso apresentam uma diferença essencial ao serem caracterizados como gêneros discursivos primários e gêneros discursivos secundários. Aqueles se formam “nas condições da comunicação discursiva imediata” e estes, “surgem nas condições de um convívio social mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito)” (p. 263). De acordo com Bakhtin (2003, p. 268), os gêneros discursivos “são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem”.

A categoria do diálogo, como princípio organizador da teia dinâmica, conturbada e complexa dos enunciados na formação do discurso social, implica que todo e qualquer enunciado está sempre ligado aos enunciados que lhes antecederam e àqueles que ainda serão elaborados, no fluxo da comunicação humana. Os sujeitos só existem e se legitimam na dimensão dialógica do(s) outro(s) do discurso.

No eixo das categorias criadas por Bakhtin (signo ideológico, gêneros discursivos, entre outros) encontramos recorrentemente tanto padrões de estabilidade quanto espaço para a instabilidade. Esse destaque aponta um autor que concebe a sociedade e a linguagem, considerando dinamicamente semelhanças e diferenças, sustentando espaço para o que se preserva na história e na cultura e para a mudança, a transformação social. Forças centrípetas e centrífugas tensionam os sentidos no espaço social, movimentando e conflituando sujeitos, instituições e conhecimentos.

DISCUTINDO A CONSTITUIÇÃO DE SUJEITO, LINGUAGEM E CONHECIMENTO EM BAKHTIN

O sujeito é concebido na teoria bakhtiniana como um ser social, um sujeito cuja existência se concretiza na alteridade, na relação com o outro, com o mundo. Segundo o autor, o termo *social* está em correlação com *natural*, sendo este o gerador do indivíduo

biológico e, não, da pessoa. Bakhtin (1988, p. 58) entende que o indivíduo se conscientiza de sua individualidade e de seus direitos, como autor de seus pensamentos e responsável por eles e por seus desejos já no plano ideológico e histórico, sendo a individualidade internamente condicionada por fatores sociológicos. Todo signo é social por natureza, diz Bakhtin (p. 58), considerando a necessidade de pelo menos dois sujeitos, organizados socialmente, para a formação de um signo – não há signo ideológico sem alteridade.

Discutindo a constituição do signo interior (da atividade mental) e do exterior, isto é, do psiquismo e da ideologia, Bakhtin distingue naturezas semióticas específicas, mas ressalta que o pensamento materializa-se na consciência, apoiando-se no sistema ideológico de conhecimento. Assim, o “pensamento, desde a origem, pertence ao sistema ideológico e é subordinado a suas leis” e simultaneamente pertence a outro sistema único também orientado por leis específicas, o sistema da consciência, do psiquismo. Esse sistema único é determinado pela singularidade da individualidade, mas, do mesmo modo, pela totalidade das condições vitais e sociais em que se encontra. Então, os signos interiores e exteriores vivem em território comum - o signo ideológico - e, além disso, “todo signo ideológico exterior, qualquer que seja a sua natureza, banha-se nos signos interiores, na consciência” (p. 57), ao mesmo tempo em que a realização da consciência vive do suporte ideológico.

Bakhtin destaca que existe entre a consciência e a ideologia “uma interação dialética indissolúvel: o psiquismo se oblitera, se destrói, para se tornar ideologia e vice-versa” (p. 65). O signo interior deve parar de ser experimentado subjetivamente (biológica e biograficamente) para se tornar signo ideológico e este deve ressoar tonalidades subjetivas, para permanecer um signo social vivo. Desse modo, pode-se dizer que existem individualidades, subjetividades, pessoas, constituídas social e ideologicamente na filosofia da linguagem do autor, sendo fundamentais para a manutenção da realidade histórica e para a possibilidade viva de mudança e transformação social.

Se, por um lado, o ser humano precisa “sair de si”, ir ao encontro dos outros socialmente constituídos para se legitimar e agir politicamente, discursivamente e cognitivamente, por outro, é o retorno ao eu, à consciência, à individualidade, instância interior também semiotizada e ideologizada, que garante a renovação, a perspectiva de ação e transformação política, discursiva e cognitiva. Pela semelhança do movimento, é pertinente destacar que, para Bakhtin, o conhecimento apreendido ideologicamente na esfera do cotidiano, nos grupos sociais primeiros, tem importância crucial na constituição dos sujeitos. Os conhecimentos com que se interage em outras esferas sociais precisam ter reconhecimento na ideologia do cotidiano para serem tornados próprios, apropriados. Precisam ecoar nessa ideologia, banhar-se nesse sistema fundador. A ideologia do cotidiano também se constitui em referência fundamental para a vida de conhecimentos de outros campos.

É no movimento sígnico exterioridade-interioridade-exterioridade que as individualidades sociais se constituem, por meio de palavras, enunciados, que se constroem e significam no interior de sistemas ideológicos de conhecimentos, entranhados de suas condições e peculiaridades sociais de produção, que, cronotopicamente, ou seja, coordenados por espaços e tempos, história e cultura, carregam sentido. Nesse movimento, acontece a compreensão, um processo discursivo sempre renovado por uma integração reiterada no contexto interior, e, de modo correlato, a expressão, que renova a síntese dialética entre a vida interior e a vida exterior, revelando-se como o produto da interação viva das forças sociais. Por sua natureza dialógica, originado de palavras alheias, o enunciado da

compreensão/expressão apresenta-se como uma arena onde lutam valores sociais de orientação contraditória.

Os sistemas ideológicos se organizam em discurso por meio de uma infinidade de signos, formados em esferas sociais de conhecimentos de diferentes naturezas e amplitudes, que se entrecruzam, tensionando o tecido social, pelos índices sociais de valor ali representados.

ESPAÇOS EDUCATIVOS E PROCESSOS DE ENSINO-APRENDIZAGEM

A apresentação de aspectos da filosofia da linguagem de Bakhtin organizada nos itens anteriores será a base para a reflexão ensaística sobre algumas questões relacionadas à organização de espaços educativos, especialmente os escolares, e algumas características de processos de ensino-aprendizagem e seus protagonistas.

A relevância da linguagem para a constituição da sociedade, dos sujeitos e da história sobressai de modo instigante nas formulações do autor. Apontam um universo tenso de sentidos ideológicos que se produzem em disputa incessantemente, no discurso exterior e no interior de cada individualidade, de cada consciência semiotizada. Nessa dinâmica forma interativa, dialogizada, de compreender os espaços sociais, criam-se hierarquias, dominações, consensos e dissensos entre homens, agências e conhecimentos, já que os signos refletem e refratam a realidade.

A leitura e a organização do mundo pelos sujeitos, no processo de seus entranhamentos sociais, se fazem por meio da compreensão responsiva ativa de enunciados alheios, formados ao mesmo tempo na base da tradição, das origens históricas e mesmo da voz marcada pela autoridade² dos significados dos signos e na possibilidade de criação de novos sentidos que ampliem, desconfiem ou confirmem, entre outras possibilidades, modos de ver a realidade. Tendo como fundamento os conhecimentos elaborados na tensão dos enunciados cotidianos, os sujeitos podem ao longo da vida compor e recompor visões de mundo, determinadas e condicionadas tanto pela luta de valores que se expressa na sociedade quanto pelas oportunidades que eles têm de fazer revisões, refletindo sobre as entonações³ ideologizadas da palavra. Nesse percurso se dão apagamentos, criações e embates de sentidos que podem ser pensados, por extensão, em apagamentos, criações e embates de individualidades, de classes, categorias e instituições sociais, entre outras.

Exponho nesse momento o papel que os espaços educativos podem assumir como instituições sociais relevantes para a compreensão da história do homem na criação das realidades do mundo. Essa interpretação se baseia nas postulações de

² Bakhtin (1998) distingue duas categorias de palavras, a palavra autoritária e a palavra internamente persuasiva, destacando a profunda diferença entre tais palavras, ressaltando que podem se unir em uma só palavra, entretanto de forma rara. A palavra autoritária – religiosa, política, moral, a palavra do pai, dos adultos, dos professores, etc – carece de persuasão interior para a consciência; nós já a encontramos unida à autoridade; exige de nós o reconhecimento e a assimilação; está ligada ao passado hierárquico. A palavra internamente persuasiva, por sua vez, carece de autoridade; revela possibilidades diferentes. É determinante para o processo da transformação ideológica da consciência individual. A palavra persuasiva interior é comumente metade nossa, metade de outrem. Tem produtividade criativa no sentido de que desperta nosso pensamento e nossa nova palavra autônoma; organiza do interior as massas de nossas palavras, em vez de permanecer numa situação de isolamento e imobilidade; esclarece-se mutuamente em novos contextos; ingressa num inter-relacionamento tenso e num conflito com as outras palavras internamente persuasivas (GOULART, 2009).

³ Para Bakhtin, todos os enunciados estão fundidos com julgamentos de valor social e com uma entonação, um tom apreciativo. A comunhão de julgamentos de valor presumidos (por sociedades, grupos sociais,...) constitui o contexto cultural no qual a enunciação viva desenha o contorno da entonação.

Bakhtin, e ao mesmo tempo delas se afasta, como forma de ganhar espaço para compor, com contribuições de Frigotto (2004), um esboço de concepção de escola, de processos de ensino-aprendizagem e de modos de atuação dos profissionais que nela atuam. Seguindo a lógica do pensamento bakhtiniano, essa concepção se explicita no embate com outras no cenário político brasileiro.

Espaços educativos são instâncias criadas e modificadas cultural e historicamente para congregar sujeitos, de modo a coletivamente fortalecer-lhes o pertencimento social, por meio tanto do acesso ao conhecimento discursivamente produzido pelo homem quanto da produção mesma de outros conhecimentos, na tensão com aqueles, renovando modos de pertencer ao mundo e de compreendê-lo e dele participar. Os espaços têm como eixo esferas sociais de conhecimentos, como a arte, a ciência, a filosofia, a história, a matemática, a religião, entre muitas outras, apresentando o todo do mundo através de janelas que encorpam a nossa humanidade, por mostrarem essa dimensão tanto na sua faceta criadora quanto destruidora, entremeada por diferentes razões e sensibilidades que também caracterizam os seres humanos e a realidade. As esferas sociais de conhecimento constroem-se com base em diferentes temas, categorias e conceitos, ou perspectivas de defini-los, diferentes organizações discursivas, caracterizando-se em diferentes gêneros.

Considerando o princípio de esboço acima, a interação e a ação discursiva que constituem os processos educativos, no sentido dialético das relações de ensino-aprendizagem, podem ser concebidas como espaços de discussão, explicitação e sistematização de conceitos, por meio da revelação da dialética interna dos signos ideológicos. O ponto de partida e de chegada é o sistema ideológico de conhecimentos daqueles que estão nas escolas para ensinar e daqueles que lá estão para aprender. O desvelamento das tensões, dos antagonismos, existentes nos processos de produção de linguagem (expressão e compreensão, oral e escrita) e nos movimentos de poder que instaura, pode contribuir metodologicamente para a ampliação de conhecimentos por quem vive tais processos, operando no sentido de análises críticas da realidade e de abertura para novos conhecimentos, fortalecendo o sentido da existência e da consciência histórica do ser humano e de sua responsabilidade política pela coletividade social.

Procuró esmiuçar um pouco mais as idéias expostas. No encontro dos discursos/ conhecimentos impregnados de valores contraditórios que professores e alunos levam para a escola, torna-se possível produzir compreensões da realidade que não neguem, não escamoteiem, a sociedade e os conhecimentos ideológicos por ela criados, já que banhados no jogo de forças sociais. Jogo de forças em que estamos todos imersos, com mais e menos chances de compreendê-lo. A escola é um espaço de jogo de forças também, mas onde se poderia trabalhar para explicitá-lo, trazê-lo à tona, através da discussão dos feixes de significados que compõem os discursos, as falas, as leituras, as escritas, as imagens.

Encontro a contribuição crítica de Frigotto (2004) em artigo em que expõe os desafios da teoria e da investigação educativa no contexto de crise de paradigmas que enfrentamos na sociedade capitalista. O autor, no trecho abaixo destacado, focaliza especificamente como a função da escola tem sido concebida em moldes neoliberais:

Neste contexto, a função da escola tem sido, predominantemente, a de enfraquecer as perspectivas ético-políticas que afirmam a responsabilidade social e coletiva e a solidariedade e reforçar o ideário de uma ética individualista, privatista e consumista. O objetivo é

produzir um cidadão mínimo, consumidor passivo que se sujeita a uma cidadania e uma democracia mínimas e formais (p.11).

Na mesma página 11, em nota de rodapé, o autor ressalta, a partir do conceito de empregabilidade, “o conteúdo ideológico que mascara as relações sociais de exclusão e focaliza o fracasso dos excluídos como um problema individual”. Frigotto destaca assim o fenômeno que temos vivido de dissolução do conceito de coletividade, em troca do conceito de individualismo, indo de encontro às determinações históricas, às estabilidades simbólicas da tradição, que servem de contraste para a constituição de sujeitos sociais. “O que vale é como cada um representa e entende a realidade. A realidade de um objeto de estudo se equivale às representações que se constroem em cada momento e em cada contexto”, afirma o autor (p. 13). E continua, refletindo sobre o processo de ensino nesse mesmo contexto:

No processo de ensino relativiza-se a importância da construção de conceitos e categorias e superdimensionam-se a experiência e o ativismo pedagógico. Isto se explicita, quer por uma perspectiva fragmentária de conhecimento, quer por uma multiplicação de disciplinas como respostas a múltiplos problemas agravados no capitalismo tardio: violência, meio ambiente, drogas, etc.

Conforme segue discutindo Frigotto (p.18), “o escopo destas concepções educativas é de formar o cidadão mínimo, unidimensional, produtivo e funcional ao capital globalizado. Um cidadão que não interroga, não faça política e, portanto, alienado”.

No contexto delineado, ao mesmo tempo em que se enfraquecem as possibilidades coletivas de construção social da realidade, modelos únicos se impõem, homogeneizando sujeitos, sentidos, saberes e profissionais, retirando-lhes a universalidade histórica e a abertura para processos de criação de novos conhecimentos.

Para ilustrar como se concretizam discursos como os criticados acima, mencionamos os “pacotes de alfabetização” que vêm sendo produzidos e vendidos por fundações e outras instituições, apontando o método fônico como o caminho para salvar o Brasil do analfabetismo. Esses materiais são os mesmos e valem tanto para o município do Rio de Janeiro, região Sudeste, como para o município de Cruzeiro do Sul, no Acre, região Norte⁴, contextos políticos e culturais tão diferenciados.

Cabe explicitar aqui algumas características que se destacam nesses “pacotes”, todas interligadas a uma concepção de educação e de alfabetização:

- a- redução drástica da escrita a um código, subjugando conhecimentos fundamentais envolvidos no processo de aprendizagem da leitura e da escrita;
- b- assepsia sígnica imposta, trabalhando com a linguagem como se houvesse sentidos fixos para palavras, textos, enunciados;
- c- equívocos conceituais de várias naturezas, desconsiderando o conhecimento acumulado através de estudos, em áreas do conhecimento que se têm dedicado a compreender a complexidade do processo de alfabetização;
- d- preconceitos contidos na formulação de exercícios e em imagens estereotipadas;
- e- modo mecanicista e homogeneizador como a proposta encaminha o trabalho com a língua e suas diferentes unidades e com o conhecimento de mundo, em geral;

⁴ Estamos nos referindo à compra de um desses “pacotes”, realizada na Fundação Ayrton Senna, pelas secretarias de educação dos dois municípios mencionados.

- f- apagamento de sujeitos e grupos sociais, de suas histórias e dos sentidos e valores por eles produzidos;
- g- desrespeito à classe profissional dos professores a quem são propostos tais materiais, negando suas formações, conhecimentos, experiências e capacidades de refletir, procurar e dar soluções para suas necessidades político-pedagógicas.

A utilização dos “pacotes” tem sido diretamente atrelada à anterior realização de testes que medem algumas poucas habilidades e informações dos alunos, alguns produtos, portanto; mas não lhes medem conhecimentos, como se processam e são incorporados. Os testes não avaliam, medem. Avaliar seria investigar as causas que têm gerado dificuldades de aprender, do aluno, e de ensinar, do professor, e trabalhar para superá-las principalmente criando condições de trabalho pedagógico e de vida digna para todos. Medidas como essas derivam de outros “pacotes” de organismos internacionais, interferindo na definição de políticas educacionais no Brasil e no mundo. A educação vira mercadoria e o professor é concebido como um prático, aquele que operacionaliza um método e resolve problemas do cotidiano, criticando-se sua formação teoricamente fundamentada.

A discussão e a reflexão que organizamos no artigo, associadas à ilustração acima, apontam que sujeitos, espaços educativos e processos de ensino-aprendizagem podem ser concebidos de diferentes modos instaurados por diferentes ideologias. As ideologias envolvem também concepções de linguagem, sociedade, infância, conteúdos, entre outras. Todo esse movimento é produzido discursivamente e para compreendê-lo é preciso, no sentido bakhtiniano, entender o signo, o enunciado, a palavra, como uma arena onde lutam valores sociais de orientação contraditória. A escola não pode se responsabilizar por resistências e mudanças sozinha, mas tem um papel muito importante. De dentro do jogo de forças sociais, organizar projetos e planos pedagógicos, que, coletivamente, no universo de diferentes vozes, sujeitos, sentidos, propostas, culturas, congregue os diferentes segmentos envolvidos, como muitos grupos já vêm realizando, em escolas, movimentos sociais e outras instituições educativas.

Metodologias como essas, brevemente indiciadas no parágrafo acima, se originam nos cotidianos, nas palavras, nos valores, na dignidade de seus autores, visando à formação da cidadania crítica, e tem o sistema ideológico de conhecimentos como horizonte político, acessível a todos, compartilhado socialmente. Esse horizonte se materializa historicamente porque é essa dimensão que abre a possibilidade de mudança, de transformação dos discursos, das ações e da sociedade. A filosofia da linguagem de Bakhtin, apresentada de modo muito parcial no artigo, tem sido importante para reflexões que temos desenvolvido em conjunto com professores. O esforço se destina a cada vez mais compreender a complexidade dos trabalhos que se realizam em salas de aula, especialmente de escolas públicas, investigando o papel que a linguagem possui na construção ideológica de sujeitos, professores e alunos, conhecimentos, discursos e dos sentidos, em diferentes níveis de ensino e em diferentes áreas de conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail (V. N. Voloshinov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 4ª edição. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. Qué es el language? SILVESTRI, A. & BLANCK, G. *Bajtín y Vigotski: La organización semiótica de la conciencia*. Barcelona: Anthropos, 1993, p. 217-243.

_____. *Questões de literatura e de estética. A teoria do romance*. Tradução do russo por Aurora Bernadini, José Pereira Júnior, Augusto Góes Júnior, Helena Nazário e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Hucitec: UNESP, 1998.

_____. *Estética da criação verbal*. Tradução do russo de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FRIGOTTO, Gaudêncio. *Os desafios da teoria e da investigação educativa no contexto da crise societal*. Artigo organizado especialmente para o I Encontro Nacional de Investigação Educativa, cidade de Pochuca de Soto, Hidalgo, México. Foi base também para o painel A construção do conhecimento em educação: Aspectos históricos e suas tendências, Encontro Regional (Sudeste) de Pesquisa Educacional (UERJ, 05.05.2004). Mimeo.

GOULART, Cecilia M. A. Em busca de balizadores para a análise de interações discursivas em sala de aula com base em Bakhtin. *Revista Educação Pública*, Faculdade de Educação, UFMT, 2009. (no prelo)

_____. *Bakhtin: enunciar e argumenta, ampliando o foco*. XII Simpósio de Pesquisa e Intercâmbio Científico, ANPEPP, GT Argumentação e explicação: modos de construção/constituição do conhecimento. Natal, RN, maio de 2008.

_____. Enunciar é argumentar: analisando um episódio de uma aula de História com base em Bakhtin. *Revista Pro-posições*, v.18, n.3 (54), set-dez 2007.

ABSTRACT

This work aims to discuss the constitution of subjects, language and knowledge based on Bakhtin's language philosophy. The work also discusses, from Bakhtin's perspective, the ways in which educational spaces and the learning and teaching processes are organized. Aspects and categories from Bakhtin's language philosophy are addressed in order to discuss author's concepts such as subject, language and knowledge. Following that, a reflection is made aiming to update the discussion of the constitution of educational spaces and the teaching and learning processes. Proposals from international institutions interfering on the Brazilian education are also examined and criticized. Finally, some indications will be given considering the ways upon which schools can contribute to foster the education of critical citizens.

Keywords: subjects; educational spaces; Bakhtin.